

# O ENVELHECIMENTO CORPORAL E OS INVÓLUCROS DOS DISCURSOS SOCIAIS NAS CRÔNICAS DE RACHEL DE QUEIROZ E RUBEM ALVES

MARIANA GUIMARÃES NEVES LEME\*

PRISCILLA MELO RIBEIRO DE LIMA\*\*

**RESUMO:** Na sociedade ocidental contemporânea vive-se a ditadura do corpo jovem e forte considerado hegemonicamente como o modelo de beleza, enquanto os corpos envelhecidos, muitas vezes, são marginalizados. Através da perspectiva da pesquisa de textos autobiográficos, buscamos nas crônicas de Rachel de Queiroz e Rubem Alves dizeres sobre suas próprias experiências com o envelhecimento corporal, além de narrativas de resistência frente aos discursos que retiram a beleza da velhice. Compreendemos que a produção literária desses autores nos fornece elementos para o questionamento do discurso hegemônico e para a construção de um discurso de resistência sobre a velhice.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Velhice; Narrativa; Discurso; Psicanálise.

## BODY AGING AND THE WRAPPINGS OF SOCIAL DISCOURSES IN THE CHRONICLES OF RACHEL DE QUEIROZ AND RUBEM ALVES

**ABSTRACT:** In contemporary western society, there is a dictatorship of the young and strong body considered hegemonically as the model for beauty, while the aged bodies are often marginalized. Through the research of autobiographical texts perspective, we looked in the chronicles of Rachel de Queiroz and Rubem Alves for their own experiences with body aging, in addition to narratives of resistance in face of discourses that take away the beauty of old age. We understand that the literary production of these authors gives us elements to question the hegemonic discourse and build a resistant discourse on the old age.

**KEYWORDS:** Literature; Old Age; Narrative; Discourse; Psychoanalysis.

\*Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás.

\*\* Professora adjunta da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Goiás. Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP-UFG). Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília. Coordenadora do GEPEV - Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Velhice.

**E**m nossa realidade ocidental contemporânea, há um apelo incessante, que pode ser causa de grande sofrimento ao sujeito: o convite ao alcance dos ideais de beleza construídos socialmente, propagados amplamente pelos discursos hegemônicos. O corpo jovem, forte e produtivo é cultuado, enquanto o corpo envelhecido é tido como a antítese do que é belo. E estes ideais culturais se tornam cada vez mais difíceis de serem alcançados conforme a idade avança e o sujeito envelhece.

Por isso, faz-se importante investigar primeiramente as dinâmicas de construção e disseminação dos discursos sociais que enaltecem o corpo jovem e excluem do reconhecimento social o corpo envelhecido. E, também, compreender as possíveis formas de subjetivação do sujeito de seu corpo envelhecido. A partir disso, buscamos localizar nas crônicas autobiográficas de Rachel de Queiroz e Rubem Alves relatos de suas experiências corporais na velhice e discursos de resistência em relação aos discursos hegemônicos. Partimos da ideia desenvolvida por Lima, Lima e Coroa (2016) e Lima e Lima (2020) de que os sujeitos de pesquisa devem ser considerados autores e atores importantes no exercício de resistência frente aos modos de identificação hegemônica. Isso implica que, ao investigarmos textos literários que retratem a velhice, é importante uma escuta atenta aos sentidos e resistências construídos pelos escritores ao escreverem sobre si. Suas vivências relatadas em suas crônicas de cunho autobiográfico tecem importantes reflexões sobre a hegemonia e a resistência diante de discursos que reduzem os sujeitos velhos a meros objetos.

Hegemonia, para Fairclough (2001), pode ser entendida como liderança e dominação nas diferentes esferas da sociedade, entre elas a cultural e a ideológica, manifestando-se nos discursos sociais. Não é estática e imutável, mas instável, constituindo-se como “um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação”. Porém, a hegemonia não é simplesmente a dominação de uns grupos sociais por outros, mas a construção de alianças, de forma que, através de meios ideológicos, ganhe-se o consentimento das classes subalternas para a constituição das relações de poder.

Frente à hegemonia, formam-se práticas de resistência, pois o poder social não se constitui apenas como uma força de ação, mas principalmente como uma interação. Ou seja, para se analisar as estruturas de poder, não se deve considerar apenas o poder exercido pelos grupos mais poderosos, mas também a dimensão da resistência dos grupos dominados, que podem exercer formas poderosas de contrapoder (DIJK, 2008).

Fairclough (2001), ao falar em discurso, através do qual manifesta-se a resistência aos ideais opressores, propõe pensá-lo como prática social. Isto porque através deste, as pessoas atuam sobre o mundo, transformando-o. O discurso, portanto, é uma forma de ação, não apenas uma prática de representação do mundo, mas uma forma de prática social, de significação do mundo, constituindo-o e construindo-o em significado.

O discurso e a estrutura social relacionam-se dialeticamente. Isto porque a estrutura social é condição para a construção do discurso, pois o molda e o restringe através das classes

e relações sociais em nível societário em que ele é construído, por exemplo. Ao mesmo tempo, a estrutura social é efeito do discurso, que é socialmente constitutivo. É através dele que as normas e as convenções são construídas, o que leva à constituição de relações e identidades sociais. Assim, a constituição discursiva da sociedade emana de uma prática social firmemente enraizada em estruturas sociais materiais e concretas, e não se constitui livremente na subjetividade de cada sujeito.

O discurso, enquanto prática política, estabelece, mantém e transforma as relações de poder, assim como as entidades coletivas que são permeadas por relações de poder, como os grupos sociais. E, enquanto prática ideológica, o discurso constitui, mantém e transforma os significados existentes nas relações de poder. A ideologia é entendida por Fairclough (2001) como as significações do mundo, seja ele o mundo físico, das relações sociais ou das identidades sociais, construídas nas várias dimensões das práticas discursivas, geradas em relações de poder, como efeito do exercício e da luta pelo poder. As ideologias contribuem para a produção, reprodução, manutenção e transformação das relações de dominação. Dessa forma,

Ao produzirem seu mundo, as práticas dos membros são moldadas, de forma inconsciente, por estruturas sociais, relações de poder e pela natureza da prática social em que estão envolvidos, cujos marcos delimitadores vão sempre além da produção de sentidos [...] a prática dos membros tem resultados e efeitos sobre as estruturas sociais, as relações sociais e as lutas sociais, dos quais outra vez eles geralmente não têm consciência (FAIRCLOUGH, 2001, p. 100).

Porém, a prática discursiva é constituída não somente de forma convencional, através da reprodução das ideologias e das relações de poder, mas também de forma criativa. Ou seja, além de contribuir para reproduzir sistemas de conhecimento e crenças, relações sociais e identidades sociais, a prática discursiva contribui para transformá-los. Assim, os sujeitos são posicionados ideologicamente, mas são capazes de atuar criativamente, estabelecer suas próprias conexões entre as diversas práticas e ideologias, e, assim, reestruturá-las. É nesta medida que emerge a possibilidade de construção dos discursos de resistência.

Para Dijk (2008), o controle do discurso, de sua produção e reprodução, é condição importante para o exercício do poder, já que este só pode ser legitimado por meio do discurso. O poder social permeia as relações grupais, sendo muitas vezes mantido e perpetuado através do controle exercido pelos grupos mais poderosos das informações que os grupos dominados recebem e das opiniões que formam, como no caso da instituição midiática. É importante ressaltar que o poder não é necessariamente abusivo; a relação abusiva de poder se instaura quando os grupos de poder, a fim de manterem sua posição, submetem grupos sociais a situações de dominação, associando suas identidades à feiura, à inferioridade, à estranheza (LIMA; LIMA; COROA, 2016).

É o que vemos com os discursos hegemônicos midiáticos, médicos e da indústria da beleza, que, segundo Maia (2008), estabelecem como ideais a serem alcançados o vigor, a saúde,

a perfeição, a beleza e a longevidade. Enquanto isso, depreciam a velhice, divulgando os estilos de vida que combinam com a juventude e as novas técnicas de rejuvenescimento, mostrando que, com os avanços científicos, as rugas e a flacidez são inaceitáveis. Isso porque a verdade propagada pelos discursos hegemônicos é de que, para serem socialmente reconhecidos, os sujeitos precisam seguir os padrões estéticos, obedecendo à lógica da sociedade do espetáculo (JUNIOR; FREITAS, 2012).

A juventude passa a ser um valor a ser conquistado em qualquer etapa da vida, desprendendo-se de uma faixa etária específica, desde que se adotem os estilos de vida e consumam-se os produtos indicados pelos discursos hegemônicos (DEBERT, 1999 apud JUNIOR; FREITAS, 2012). Dessa forma, a velhice não cabe nos ideais de beleza que prezam a juventude, sendo associada, de certa forma, à inferioridade e à feiura, em uma sociedade marcada pela beleza corporal como símbolo de prestígio social. Assim se constituem relações abusivas de poder.

Os discursos sociais que constroem esta imagem da velhice dão-se de uma maneira naturalizada, de forma que escapa a muitos sujeitos o seu caráter de construção social e, portanto, de sua condição de que pode ser transformada. Instauram, assim, saberes no imaginário social e são vividos como “verdades”. Nessa dinâmica, novos estilos de vida são propostos para combater a decadência do corpo, retardar ou evitar o envelhecimento, havendo a emergência da ideia de que “só é velho quem quer” (MAIA, 2008, p. 706). O desenvolvimento de recursos tecnológicos e científicos favorece a produção de novas formas de subjetivação da velhice, de pensá-la e senti-la, com a ideia de que esta possa ser dissociada da morte e da doença.

O que parece estar em questão é o incômodo da sociedade em relação à velhice, que revela um medo da morte e da fragilidade. É o reconhecimento da finitude que leva à produção e reprodução de discursos que enaltecem o corpo jovem e à busca de recursos para retardar, esconder ou mesmo aniquilar a velhice (PITANGA, 2006 apud MAIA, 2008).

Os discursos, então, ao determinar formas corporais ideais, constroem identidades, e assim o sujeito pode cair no esquecimento e isolamento se não se adequar aos padrões estéticos de uma sociedade tão marcada pela busca pela perfeição. Este isolamento social pode constituir-se como uma grande fonte de angústia, sendo que Freud (1996) aponta que uma das fontes principais de sofrimento para o sujeito, além do corpo e da natureza, provém das relações humanas. Ele salienta que esse sofrimento talvez “seja mais penoso do que qualquer outro” (FREUD, 1996, p. 85).

Portanto, a imposição dos ideais corporais pode custar muito ao sujeito velho que não mais encarna em seu corpo o ideal jovem reconhecido socialmente, visto que, como afirmado por Blessmann (2004), a presença do homem no mundo é corporal. Lazzarini e Viana (2006) ainda afirmam que o indivíduo não tem um corpo, ele é um corpo. Isso porque estamos falando de uma unicidade entre a subjetividade e a corporeidade. Tal unidade tem como base a pulsão, que é o conceito fundamental da metapsicologia freudiana e que ancora o psiquismo ao corpo, constituindo-se como o “representante psíquico dos estímulos originais dentro do organismo”

(FREUD, 2004 apud LIMA, 2013, p. 128).

O corpo, para a Psicanálise, de acordo com Lazzarini e Viana (2006), é um corpo erógeno, que se contrapõe ao corpo meramente biológico. É atravessado pela linguagem, pela memória, pela representação e pela significação. É construído na história do sujeito, enquanto objeto para o psiquismo e representação inconsciente. Além disso, marcado e regulado pelo desejo, pela lógica erótica. Nessa medida, “no circuito da libido não há sujeito jovem nem sujeito velho, o desejo independe da idade” (LIMA, 2013, p. 156).

É importante ressaltar, a partir de Lazzarini e Viana (2006), que, para que o sujeito assuma seu corpo como propriamente seu e o acesse simbolicamente, é necessário passar por um processo. Isto se dá na infância, quando o sujeito passa do autoerotismo, fragmentado com as zonas erógenas dispersas pelo corpo, para o narcisismo. É nesse momento que se materializa a possibilidade da unificação do corpo e da emergência do Eu.

Freud (2004) nos mostra, então, que o desenvolvimento do Eu ocorre às custas do afastamento do sujeito do narcisismo primário, ou seja, do momento em que tem a si mesmo como seu Eu-ideal. Nesse instante, há uma concentração do investimento libidinal em si mesmo, que, nas fantasias do sujeito, é dotado de toda a plenitude e onipotência.

Com o desenvolvimento, a libido passa a ser investida em objetos externos a si próprio, e, como Lazzarini e Viana (2006) apontam, é com o narcisismo secundário que se materializa a alteridade do sujeito, através da figura do outro. Isso porque é nessa etapa que há um retorno ao Eu da libido destinada aos objetos de desejo, sendo estes inicialmente os pais ou cuidadores, possibilitando o reconhecimento da alteridade e a submissão do corpo à castração, à simbolização da impossibilidade da onipotência.

Assim, é por meio do reconhecimento do outro como seu semelhante que o sujeito vai tomando o corpo como seu, que este vai assumindo um caráter unificado, totalizado, saindo do registro dispersivo para se ordenar em torno de uma imagem corporal, presente no espaço e no mundo. A constituição da imagem corporal e o investimento nessa imagem se fazem essenciais para que o sujeito possa acessar seu corpo (LAZZARINI; VIANA, 2006).

Dessa forma, “esse corpo que tende à unificação, corpo do narcisismo, seria o correlato da constituição do Eu” (LAZZARINI; VIANA, 2006, p. 246). E é a unificação do corpo através do olhar do Outro que constitui o Eu, olhar primeiramente idealizante dos pais, que revivem seu narcisismo primário com seus filhos, almejando que sejam o que eles mesmos não puderam ser (FREUD, 2004). Concluímos que “o corpo é, portanto, lugar da passagem do outro, lugar de onde nasce o sujeito” (LAZZARINI; VIANA, 2006, p. 248).

O que ocorre com os corpos velhos, porém, é que, ao contrário dos corpos das crianças, adultos e adolescentes, que são olhados e desejados pelo outro, aqueles frequentemente são ignorados, e, assim, predomina a atmosfera de morte em vida (MUCIDA, 2009 apud LIMA, 2013). Nesses termos, o sofrimento advindo do isolamento social pode se fazer presente significativamente no sujeito com o corpo envelhecido.

Percebe-se, a partir de Lima (2013), que nas tentativas constantes de alcançar uma imagem ideal e alterar seu reflexo no olhar do outro, através das modificações no corpo real, o sujeito se aprisiona em uma busca incessante e infrutífera. Maia (2008) ressalta ainda que o ideal de cuidado excessivo com a saúde e com a boa forma do corpo revela um caminho de eliminação das imperfeições do sujeito, reduzindo suas possibilidades de existência e subjetivação a um ideal estético. Para a compreensão da busca por um ideal, faz-se importante o conceito de Ideal-de-Eu, proposto por Freud (2004, p. 112), que nos diz que:

O amor por si mesmo que já foi desfrutado pelo Eu verdadeiro na infância dirige-se agora a esse Eu-ideal. O narcisismo surge deslocado nesse novo Eu que é ideal e que, como o Eu infantil, se encontra agora de posse de toda a valiosa perfeição e completude. Como sempre no campo da libido, o ser humano mostra-se aqui incapaz de renunciar à satisfação já uma vez desfrutada. Ele não quer privar-se da perfeição e completude narcísicas de sua infância. Entretanto, não poderá manter-se sempre nesse estado, pois as admoestações próprias da educação, bem como o despertar de sua capacidade interna de ajuizar, irão perturbar tal intenção. Ele procurará recuperá-lo então na nova forma de um Ideal-de-Eu. Assim, o que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, durante a qual ele mesmo era seu próprio ideal.

Como esclarece Freud (2004), é a influência crítica, primeiramente dos pais e posteriormente dos ideais culturais, que leva o sujeito a formar seu ideal-de-Eu, imposto de fora, através da voz e sob amparo da consciência moral. Nesse sentido, o Ideal-de-Eu tem, além de sua parcela individual, o ideal comum de um grupo, seja ele uma família, uma classe ou uma nação. Assim, está imbuído dos valores, ideais e interdições sociais (LIMA, 2013), representados aqui pelos discursos hegemônicos que enaltecem o corpo jovem.

Dessa forma, Lima (2013) elucida-nos que a imagem que o sujeito constrói de si está ancorada nos processos de identificação, construídos a partir dos ideais culturais e da relação com o outro. Esses ideais direcionam os processos de identificação durante todo o desenvolvimento humano, o que não é diferente na velhice. Nessa etapa da vida, entretanto, as identificações são confrontadas com as mudanças do corpo que não eram sofridas de maneira tão drástica desde a adolescência: rugas, flacidez na pele, cabelos brancos, diminuição da vitalidade e da capacidade de resiliência do corpo.

Mucida (2009 apud Lima, 2013) adverte que quando o sujeito não consegue cumprir os ideais culturais, instaura-se um conflito entre o Eu e o Ideal-de-Eu, o que pode conduzir a estados depressivos. Na velhice, esta luta pode se intensificar quando padrões de jovialidade e de produtividade não se aplicam mais ao sujeito, mas continuam sendo ideais a serem alcançados. A dificuldade do velho em se ver desejado pelo outro e de, enquanto sujeito desejante, não conseguir alcançar os ideais culturais pode desembocar em processos de desidentificação, gerando grande sofrimento psíquico e social (LIMA, 2013; LIMA; LIMA, 2020).

Na velhice, perde-se o seu próprio corpo, conhecido de longa data, que se transforma em outro. O luto pelo próprio corpo, que não possui mais a juventude anterior, demanda uma nova reestruturação, tanto de sua imagem corporal quanto do conceito de si. Lima (2013) assinala, portanto, que se faz necessária uma incorporação e integralização das marcas corporais que chegam com o envelhecimento, e que carregam as histórias próprias do sujeito consigo. Deve, então, haver uma assunção do próprio corpo na velhice, assim como já se vivenciou anteriormente no narcisismo.

Nesse sentido, é importante pensar no espelho como um aliado, e não como um inimigo. Perceber as mudanças corporais ao longo da vida traz um auxílio no sentido de não pensar a velhice como algo externo a si, mas como algo inerente. Dessa forma, pode-se reconhecer tanto suas marcas antigas quanto as novas como particularmente suas (GOLDFARB, 1998 apud LIMA, 2013). Por isso, “suportar o vazio, a falta detectada no espelho é essencial para a aceitação de que a subjetividade e a identidade não se resumem a aquela imagem” (LIMA, 2013, p. 147).

Diante disso, faz-se importante investigar as experiências dos sujeitos ao atravessar a velhice, compreendendo suas maneiras de lidar com o envelhecimento manifesto no corpo. E mais, no Brasil, onde os discursos hegemônicos enaltecem o corpo – jovem –, como se fosse uma roupa, devendo ser “exibido, moldado, manipulado, trabalhado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido, imitado” (GOLDENBERG, 2011, p. 50), questiona-se: quais são as possibilidades de resistência do sujeito velho?

Nossa análise parte das crônicas de cunho autobiográfico de dois escritores brasileiros, Rachel de Queiroz e Rubem Alves. As crônicas analisadas são: “Não aconselho envelhecer”, de Queiroz; e “A Revelação”, “Fiquei velho”, “O crepúsculo”, “A gente é velho” e “Pior idade”, de Alves. Nessas crônicas, percebemos que, contando histórias cotidianas a partir de si mesmo, há uma aproximação do narrador com o outro que o circunda; apesar de marcados pela singularidade de suas próprias histórias de vida, os sentimentos expressos são tão parecidos em matéria de vivências de dores e alegrias que são universais ao ser humano. Assim, nas narrativas das crônicas autobiográficas há uma íntima ligação entre o que é singular e universal, sendo possível o compartilhamento de experiências entre escritores e leitores.

Como Lima (2013) nos informa, Rubem Alves, nascido em 1933, em Dores da Boa Esperança, Minas Gerais, foi educador, psicanalista, teólogo e cronista. Consolidou-se como crítico e teorizador da educação, escritor infantil e cronista com rica produção após os 60 anos, o que corrobora a relevância de suas obras para a discussão do tema do envelhecimento corporal.

Lima (2013) continua nos apresentando à sua biografia, sendo que o autor viveu inicialmente na fazenda, mas depois mudou-se para o Rio de Janeiro, onde conheceu a solidão, durante a infância e a adolescência. Por ter vindo de ambiente rural e por ter sotaque mineiro, os colegas faziam chacota dele e, por isso, teve grandes dificuldades de adaptação à nova escola. Foi neste contexto solitário que Rubem Alves encontrou refúgio na religião e na literatura.

Em 1959, ele se casou e teve dois filhos. Mas foi com a filha caçula, nascida quando Alves já estava na meia-idade que, ao inventar-lhe estórias, descobriu-se tanto um contador de histórias quanto um educador. Alves tornou-se reverendo da Igreja Presbiteriana do Brasil e, a partir do contato e convivências no cotidiano dos membros de sua igreja e do contato com escritores da religião libertária, fomentou as raízes ideológicas do que, posteriormente, se tornaria a Teologia da Libertação. Alves construiu uma visão diferente acerca da religião: esta não deveria servir para a salvação depois da morte, e sim para melhorar as condições do indivíduo enquanto for vivo. Foi por isso que o autor foi denunciado como subversivo pelas autoridades da Igreja Presbiteriana para o regime militar, fazendo com que ele e sua família se exilassem nos Estados Unidos, em 1964, para se protegerem contra a perseguição.

Esse período de afastamento da terra natal “trouxe profunda transformação em sua subjetividade. A forma como passou a encarar a religião, a vida, a morte e o tempo foi marcada pela experiência de exílio” (LIMA, 2013, p. 121). Nesse momento de solidão, como na infância e adolescência, a literatura mostrou-se como um reduto. Foi somente em 1968 que Alves retornou ao Brasil e tornou-se professor de filosofia, inicialmente na FAFI, em São Paulo, e, posteriormente, na UNICAMP. A partir daí, ele passou a se dedicar à Educação e a escrever livros. Assim, a tristeza, a poesia, a velhice e a morte tornaram-se temas fortemente presentes em seus escritos. Lima (2013, p. 123) ainda explicita que “sua relação com as palavras, evidente em suas crônicas, consegue transmitir a forma como lida com a vida e suas faltas”.

Já Rachel de Queiroz, segundo Frazão (2017), nasceu em 1910, em Fortaleza, Ceará, e faleceu em 2003. Foi uma notável escritora, jornalista, tradutora e dramaturga, tendo publicadas mais de duas mil crônicas. Além disso, é importante ressaltar que Queiroz foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, em 1977. Em 1917, sua família mudou-se para o Rio de Janeiro, fugindo da seca de 1915. Os horrores e dores do Nordeste foram tema do romance *O Quinze*, publicado por Queiroz com apenas 20 anos de idade. Assim, mostrando-se profundamente realista em relação às duras batalhas entre o povo e a seca, a autora já se destacava na vida literária brasileira, obtendo o prêmio da Fundação Graça Aranha. Outrossim, foi militante política e afiliada ao Partido Comunista.

Rachel de Queiroz era atuante em sua conjuntura social, fazendo uso de sua escrita para denunciar problemas e contradições da realidade social de seu país. O que não se faz diferente em relação aos discursos hegemônicos que marginalizam a velhice. É o que vemos quando Queiroz (2002a, p. 117) diz em “De armas na mão pela liberdade”:

Botam os velhos para estudar vestibular, ou pra fazer ioga, pra treinar pintura a óleo (flores e paisagens rústicas), a cantar em coros etc. etc. Ninguém parece entender que a primeira condição para o velho não se sentir tão velho é deixá-lo sentir-se livre. Resolver seus problemas pessoais; ser ele próprio quem conte os seus sintomas ao médico, ser ele próprio quem decide se toma ou não os remédios prescritos – como faz todo mundo. Deixar que ele se liberte um instante ao menos da tutela dos “entes queridos” e não lhe ralhar se ele, liberado, der uma topada, um tropicão,

no exercício dessa liberdade. Deixá-lo que durma só, que não lhe apareça ninguém no quarto à meia-noite, perguntando se ele está insone (está muito feliz, lendo), se esqueceu de tomar o Lexotan...

Rachel de Queiroz chama a atenção com maestria para a construção de concepções acerca do sujeito velho que o colocam num lugar de exclusão social, ao mesmo tempo em que constrói discursos de resistência frente a esta realidade.

Com o fim de identificar nas obras de Rachel de Queiroz e Rubem Alves relatos de suas experiências corporais na velhice, juntamente com seus discursos de resistência contra os discursos hegemônicos que têm como ideal de beleza o corpo jovem, foram escolhidas seis crônicas que continham clara referência autobiográfica e que discorressem acerca das temáticas velhice, corpo e beleza. Essas obras foram agrupadas em dois eixos temáticos principais para a sua análise: (a) o sofrimento advindo das mudanças corporais na velhice, incluindo seu reflexo no espelho e no olhar do outro; e (b) os discursos de resistência aos ideais identificatórios hegemônicos do ideal de beleza como o corpo jovem. Destaca-se que a separação dos temas se faz para fins didáticos, visto que, nas obras, aparecem imbricados e intimamente relacionados.

## O SOFRIMENTO ADVINDO DAS MUDANÇAS CORPORAIS NA VELHICE

Freud (1996) já afirmava, em *Mal-estar na civilização*, que o corpo é uma das principais fontes de sofrimento para o sujeito, pois está condenado à decadência e à morte. Em suas palavras, “nunca dominaremos completamente a natureza, e o nosso organismo corporal, ele mesmo parte dessa natureza, permanecerá sempre como uma estrutura passageira, com limitada capacidade de adaptação e realização” (FREUD, 1996, p. 94). Rachel de Queiroz (2002b, p. 56-57) fala sobre esse sofrimento em “Não aconselho envelhecer”:

Entre os processos cruéis da natureza, é a velhice o mais cruel. Implacável, insidiosa, ataca por todos os lados, abre a porta para todas as moléstias mortais. Pensando bem, é uma espécie de HIV a longo prazo. Te ataca o coração, o pulmão, todas as demais vísceras – a tripa, o fígado, o que nos abatedouros se chama o *arrasto*. E mais a fiação arterial e venosa; e a coluna! E não falei na atividade cerebral. E também esqueci os ossos, a infame osteoporose, que te rói os ossos pelo tutano, deixando-os como frágeis cascas de ovos. E então basta um pequeno escorregão na banheira para deixar um fêmur fraturado. (...) E a par disso as cãs, quer dizer, os cabelos brancos? Bem, os cabelos pintam-se. Mas vocês já descobriram que, por mais excelentes que sejam os cabeleireiros e as tinturas, o cabelo pintado fica gritantemente diverso do natural?

Rubem Alves (2009a, p. 48-50), em “A gente é velho...”, expressa a sua experiência de envelhecimento corporal de forma semelhante:

A gente é velho quando, no restaurante, é preciso cuidado ao levantar. Moço, as pernas sabem medir as distâncias que há debaixo da mesa. Mas agora é preciso olhar para medir a distância que há entre o pé da mesa e o bico do sapato. Se não se fizer isso, há o perigo de que o bico do sapato esbarre no pé da mesa e o pé da mesa lhe dê uma rasteira, você se estatelando no chão. A humilhação de você no chão, a humilhação dos olhares preocupados de todos... Quando se é velho, até uma pequena queda pode se transformar em catástrofe. Há sempre o perigo de uma fratura. Velho não pode sofrer fraturas. Na velhice também os ossos padecem de esquecimento. Eles não mais sabem colar as partes quebradas como dantes sabiam. Há, então, de se apelar para os pinos e parafusos. [...] A gente é velho quando começa a ter medo dos fotógrafos. É preciso fugir deles. Fugir das fotos de perfil porque nelas as barbelas de neloire aparecem. Neloire é um boi branco – os pastos estão cheios deles, vivos, e as mesas também, sob o disfarce de bifés. Eles têm uma papada balançante, as barbelas, que vai da ponta do queixo (boi tem queixo?) até o peito. Velhice é quando as barbelas de neloire começam a aparecer. E elas fazem sofrer. Há sempre o recurso das plásticas. Mas seu alívio é efêmero. As barbelas voltam. No rosto dos velhos a força da gravidade fica visível. [...] Aí vem a humilhação conclusiva. Prontas as fotos, eles nos mostram e dizem: “Como você está bem!”.

Com o envelhecimento, o sujeito perde certas habilidades corporais, além de se ver confrontado por uma imagem que reflete a passagem do tempo (LIMA, 2013). É o que se vê com o ganho de características físicas próprias da velhice, como descritas por Rachel de Queiroz e Rubem Alves. Tais mudanças trazidas pela velhice não chegam sozinhas, mas são acompanhadas pelos discursos hegemônicos que incentivam o aniquilamento da velhice e a busca pela juventude como um estilo de vida. É o que Rachel de Queiroz (2002b, p. 57) denuncia ainda em “Não aconselho envelhecer”:

Diz-se que já se consegue muito na luta contra a velhice. Ginástica, dieta, malhação, corrida etc. Cirurgia plástica. Ah, já pensaram no tormento de uma bela mulher, atriz, dama do soçaito, cortesão [sic], que viva da e para a sua beleza, ao descobrir as primeiras rugas, a flacidez do mento, daquela sutil rede de outras pequenas rugas que rodeiam os lábios? O dr. Pitanguy opera e os seus colegas de mérito variável também operam. Mas, por mais famosos, competentes e mágicos que sejam os cirurgiões plásticos, só fazem mágicas, não fazem milagres. Esticam a pele sobre os músculos flácidos, fazem um *peeling*, que é uma espécie de raladura na cútis, fica lindo a princípio, mas, como toda mágica, não dura muito. E aí tem que começar tudo outra vez, as cicatrizes já não se escondem tão bem atrás das orelhas ou no couro cabeludo, que, aparado, vai encurtando, deixando as pacientes com testas enormes, quase uma calvície. E nem falei em calvície que, mercê de Deus, ataca mais os homens que as mulheres!

Ao prescrever formas de se lutar contra a velhice, através de procedimentos que re-

tardem o aparecimento ou disfarcem os sinais próprios do envelhecimento corporal, o poder discursivo hegemônico, conforme apontam Lima, Lima e Coroa (2016), estigmatiza e marginaliza os sujeitos identificados como velhos. Enquanto isso, atua favorecendo uma sociedade que é identificada com a juventude, criando práticas para se viver como o jovem e se parecer com este.

Além dos ideais de beleza ligados à juventude, as transformações corporais na velhice podem se mostrar difíceis por si só, levando o sujeito ao sofrimento. Dessa forma, como aponta Lima (2013, p. 135), a imagem do espelho pode refletir não mais um corpo desejado, mas “um horror ante a possibilidade de um Eu que se desfaz aos poucos e remete ao medo da fragmentação e à angústia do desamparo”.

Assim, o Eu-ideal, a partir do qual o Eu se forma através de identificações, pode tornar-se um Eu-feiura (MESSY, 1999 apud LIMA, 2013, p. 135). Rachel de Queiroz (2002b, p. 57), em “Não aconselho envelhecer”, ilustra o sofrimento vivenciado com o espelho que reflete uma imagem que lhe é estranha, e com o olhar dos outros que denuncia o envelhecimento do corpo:

Você contempla no espelho, vê as rugas do seu rosto, do seu pescoço, como se olhasse uma máscara que se desfaz. Vê bem, sabe como está velho, embora não sinta que está velho. Sua alma, seus sentimentos, sua cabeça, nada disso confirma a palavra ou a imagem do espelho. Mas os outros só veem de você o que o espelho vê.

De forma semelhante, Rubem Alves (2001a) nos mostra ainda como o olhar do outro funciona como um espelho, contando a forma como se reconheceu velho em “A revelação”. Ele confirma o que Simone de Beauvoir (1990), citada por Goldenberg (2011, p. 62), já havia relatado a partir de sua própria experiência, que “é normal, uma vez que em nós o outro que é velho, que a revelação de nossa idade venha dos outros:

Era uma tarde. Tomei o metrô. Estava lotado. Não havia lugares. Segurei-me num balaústre. Eu tinha planejado ler durante a viagem, mas naquela posição isso não era possível. Guardei meu livro e me entreguei a um outro tipo de literatura: a leitura dos rostos... Rostos são objetos oníricos. Cada um deles revela e esconde um sonho de amor. Os meus olhos iam de rosto a rosto, tentando adivinhar o que morava naqueles silêncios [...]. Mas de repente minha leitura foi interrompida. Ao passar de um rosto para outro, meus olhos se encontraram com olhos que faziam comigo o que eu estava fazendo com os outros: eles me liam. Era uma jovem. [...] Senti-me como Narciso. Eu me vi refletido naqueles olhos como Narciso se viu refletido na água da fonte. Minha imagem estava bonita. Aquele sorriso era a garantia de que ela via beleza em mim. E isso é tudo o que Narciso deseja – olhos que digam: “Como você é belo!”. E assim fiquei, suspenso naquele momento romântico, tomado de felicidade. [...] Foi então que ela falou. Não disse coisa alguma. Fez um gesto que dispensava palavras. Simplesmente levantou-se e me ofereceu seu lugar... E a bolha mágica

de felicidade em que eu me encontrava estourou, pelo toque de um gesto de gentileza... Miserável gentileza! Eu teria preferido uma grosseria! [...] Seu gesto gentil destruiu a bela cena que minha fantasia pintara para colocar no seu lugar uma outra, também bela, mas de uma beleza diferente: uma jovem e um velho, manhã e crepúsculo, primavera e outono. [...] E de repente, eu me vi como nunca me havia visto, iluminado por uma luz diferente, uma luz crepuscular. E, então, tudo mudou... (ALVES, 2001a, p. 18-20).

Essa ideia fica ainda mais clara quando Rubem Alves (2001c, p. 21-22) diz, em “O crepúsculo”:

E foi assim que eu me descobri velho, ao ver a minha imagem refletida no espelho dos olhos daquela moça... [...] Por isso que a imagem que vi refletida nos olhos daquela moça – todos os olhos são espelhos com poder de vida e morte sobre quem olha lá dentro – não me causou tristeza. Causou foi medo. Fiquei com medo de que a imagem tomasse conta de mim, se apossasse do meu corpo, pois então eu estaria perdido.

O que vemos, com as palavras de Rachel de Queiroz e Rubem Alves, é que “quando o desejo não é percebido no olhar do outro, o sujeito sofre” (LIMA, 2013, p. 135). Isto porque o Eu, enquanto uma construção intersubjetiva, inserido na alteridade, percebe que precisa do outro para satisfazer seus desejos. Nessa medida, o sujeito se constitui a partir do que imagina que causará no outro. Ou seja, seu desejo é de fazer o outro lhe desejar (COSTA, 2005 apud LIMA, 2013, p. 131-132). Daí o sofrimento de Rubem Alves em “A pior idade” (2009b, p. 54): “a coisa mais humilhante da velhice é quando a gente começa a ser tratado como ‘objeto de respeito’ e não como ‘objeto de desejo’. Não quero ser respeitado. Quero ser desejado”.

## OS DISCURSOS DE RESISTÊNCIA AOS IDEAIS DE BELEZA DO CORPO JOVEM

Lima, Lima e Coroa (2016, p. 906) nos mostram que “a velhice foge dos ideais culturais de beleza e produtividade que moldam os modos de identificação ocidental atual. A velhice não se ajusta a essa forma estereotipada de ser; possui características, ritmos e beleza próprios”. Essa beleza da velhice, que é diferente da beleza dos ideais hegemônicos que remetem à juventude, é ilustrada por Rubem Alves (2001a, p. 19-20) ao falar sobre o reconhecimento de sua velhice através do olhar da moça do metrô em “A revelação”:

De fato, a imagem que ela via era bela. Mais que bela: era terna. Ela gostara de mim. Seu gesto era uma declaração de amor, quase um abraço. Mas a beleza que ela vira não era a beleza que eu desejava. Ela me amara por uma beleza que não era aquela que meu desejo queria ver. Seu gesto gentil destruiu a bela cena que minha fantasia pintara para colocar no seu lugar uma outra, também bela, mas de uma *beleza*

*diferente*: uma jovem e um velho, manhã e crepúsculo, primavera e outono. Ela, jovem, bem que podia continuar sua viagem de pé. Mas minhas pernas já deveriam estar cansadas de muito andar pela vida. O que teria ela sentido ao me ver? Saudades do pai já morto? Nostalgias pelo avô? *Minha beleza estava pintada com cores crepusculares*. Tudo isso foi dito naquele segundo quando ela me obrigou a assentar-me em seu lugar, com o seu gesto irrecusável.

Ao chamar a atenção para a existência de uma beleza na velhice, ao contrário do que os discursos hegemônicos afirmam, incitando a busca pelo disfarce dos sinais do envelhecimento, Rubem Alves apresenta um discurso de resistência. Nesta medida,

Concebemos como discursos de resistência os discursos que visam à transformação das relações de dominação e a emergência de novos investimentos ideológicos. Tais discursos se caracterizam por apresentar e promover a construção de novos modos de identificação e novas formas de relações sociais, dissidentes do padrão hegemônico. Nesse sentido, resistir, enquanto prática discursiva, é desafiar padrões identitários hegemônicos e criar para os sujeitos novas formas de afirmação da existência (LIMA; LIMA; COROA., 2016, p. 905).

A resistência discursiva, portanto, denuncia as ideologias de identificação dominantes, demonstrando que há outros modos de identificação possíveis (LIMA; LIMA; COROA, 2016; LIMA; LIMA, 2020). É o que Rubem Alves (2001c, p. 23-25) desenvolve em “O crepúsculo”, construindo uma imagem bela da velhice:

Comecei então a procurar uma metáfora poética que eu pudesse ligar à imagem que eu vira no espelho dos olhos... [...] eu sabia que mesmo águas barrentas podem refletir cenários luminosos e coloridos. Tal é o caso do desenho de Escher denominado *Poça d'água* – a estrada enlameada, os sulcos barrentos deixados pelos pneus, e, na água empoçada, os reflexos dos pinheiros contra o céu azul. Nietzsche nos perguntava se não sabíamos que éramos amados pelo brilho de eternidade em nosso olhar! Pensei, então, que a velhice não são os sulcos barrentos na estrada enlameada, mas os reflexos dos pinheiros contra o céu azul. Aquela moça no metrô: será que ela viu pinheiros contra o céu azul espelhados nos meus olhos? Será que ela me amou (que ela me amou, disso eu não tenho a menor dúvida...) pelo brilho efêmero de eternidade em meu olhar? Não era precisamente esse brilho de eternidade que dava aos olhos de Monet a capacidade de pintar o momento em sua configuração efêmera? Estranho isso – pois o que se pensa da eternidade é que ela é o tempo que não termina nunca. E agora estou sugerindo que a eternidade só aparece refletida no momento fugaz, como coisa fugaz. Ela é eterna não por sua duração no tempo, mas porque a Saudade (e escrevo essa palavra com maiúscula de propósito, por considerá-la divina!) dela não se esquece e fica o tempo todo esperando a sua volta, desejando que tudo seja um eterno retorno, como todo amante deseja [...] Pus-me então a procurar uma imagem em que o momento e o eterno aparecessem ao mesmo tempo.

E o que vi aparecer diante de mim foi um crepúsculo. E pensei então que a velhice é o Ser, quando iluminado pela luz crepuscular. [...] A velhice como crepúsculo – a velhice como beleza, uma criatura da estética. Milan Kundera, em seu livro *A insustentável leveza do ser*, diz que o amor é uma entidade poética, que nasce com as imagens. “Já disse que as metáforas são perigosas”, ele diz. “O amor começa com uma metáfora. Ou melhor: o amor começa no momento em que uma mulher se inscreve com uma palavra em nossa memória poética”. Isso que ele diz sobre o amor entre um homem e uma mulher vale para todos os tipos de amor: se a gente ama a imagem, a gente ama a pessoa ou a coisa que nos evoca essa imagem. E foi assim que começou o meu “caso de amor” com a velhice, com o rigor de um silogismo. Primeira premissa: eu sou velho; o gesto da moça do metrô o atesta. Segunda premissa: a velhice é a tarde imóvel, banhada por uma luz antiquíssima; a metáfora poética assim o declara. Terceira premissa: essa tarde imóvel me encanta, é bela. Conclusão: a velhice é bela como a tarde imóvel.

Rubem Alves (2001b) ainda faz uma crítica social, denunciando os discursos hegemônicos ligados à juventude que levam o sujeito velho a perseguir ideais inalcançáveis que trazem sofrimento em “Fiquei velho”:

Sessenta e oito anos! Nunca imaginei que isso iria me acontecer. Mas aconteceu. Fiquei velho. Não é ruim. *A velhice tem uma beleza que lhe é própria. A beleza das velhas árvores é diferente da beleza das árvores jovens.* O triste é quando as velhas árvores, cegas para a sua própria beleza, começam a imitar a beleza das árvores jovens. Aí acontece o grotesco... (ALVES, 2001, p. 77).

Nessa medida, o autor corrobora com o que Lima (2013) propõe: a busca pela construção de um Ideal-de-Eu que seja plausível com a realidade em que se vive, recusando-se a alcançar ideais que sufocam sua sexualidade e suas formas de elaboração psíquica. Isso constitui-se como uma verdadeira forma de arte. E, mais uma vez, Rubem Alves aproxima-se de Simone de Beauvoir (1990), citada por Goldenberg (2011), que já propunha uma “bela velhice”: a possibilidade de o sujeito agir de acordo com a sua vontade, e não tanto guiado pelas convenções sociais, o que pode ser traduzido como não se ver demasiadamente refém de ideais culturais de beleza.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências corporais do sujeito não são dissociadas dos discursos sociais que o envolvem, principalmente porque a sua presença no mundo só é possível através do corpo, e acreditamos que não há separação entre este e a subjetividade. O sujeito, passando pelo processo de socialização e construindo um Ideal-de-Eu para si, que tem sua origem nas críticas e crenças sociais em que está inserido, reproduz ideologias favorecendo a manutenção de rela-

ções de poder abusivas, muitas vezes de forma inconsciente.

Mas o sujeito também é criativo, e, através de suas práticas discursivas, pode ativamente contribuir para trazer mudanças para o mundo em que está inserido. Ao reaver os discursos que mantêm ideologias e relações de poder injustas, pode atuar oferecendo novos ideais sociais que não aqueles propagados pelos discursos hegemônicos como os únicos possíveis de dar ao sujeito o tão caro reconhecimento social. A hegemonia social estabelece como ideal de beleza a ser alcançado o corpo jovem, colocando no lugar de exclusão social o corpo velho, através de relações abusivas de poder que lhe atribuem características ligadas à feiura e à estranheza.

Nessa medida, as crônicas autobiográficas de Rachel de Queiroz e Rubem Alves trazem relatos de suas experiências com o envelhecimento, ora denunciado pelo espelho, ora denunciado pelo olhar do outro – que também mostra ter um caráter especular. Por meio de seus discursos, denunciam os ideais de identificação hegemônicos que são disseminados culturalmente para o velho.

Apesar da predominância de certas ideologias que excluem o sujeito velho, é possível construir novas formas de se viver e pensar a velhice, como foi demonstrado por Rubem Alves e Rachel de Queiroz. É importante destacar que foram encontrados discursos de resistência frente aos imperativos de adequação ao ideal de beleza jovem hegemônico, principalmente nas obras de Rubem Alves, sendo o foco desta pesquisa.

Considera-se que foi possível ampliar a compreensão acerca do envelhecimento do sujeito à luz dos discursos sociais que lhe são indissociáveis. Espera-se que os conhecimentos produzidos possam servir de auxílio para a velhice possa ser repensada e que uma estética própria dessa fase possa ser construída. Nesse sentido, a literatura é um espaço muito propício para a construção de resistências e de movimentos contra-hegemônicos. Alguns estudos de Bosi (2013; 1996), Candido (2000; 2017), Gledson (2003) e Schwarz (1999; 2019; 2014) demonstram como a literatura vai muito mais além de mero entretenimento e reprodução de ideologias de classe. Ao contrário, o romance, o conto, a crônica e a poesia podem ser instrumentos para o questionamento e a crítica social, além de oferecerem elementos para uma formação mais humana e de resistência. Dessa forma, concordamos com Lima, Lima e Coroa (2016) que afirmam que o espaço da ciência, e acrescentamos o espaço das produções culturais, podem se constituir como espaço para a construção de discursos de resistência.

Desta forma, percebemos que, ao investigar a vivência da velhice e os discursos hegemônicos que a envolvem a partir da literatura, abrem-se possibilidades para a transformação da realidade de exclusão social e não reconhecimento sofridos pelos sujeitos velhos. E, assim, podem ser oferecidas novas formas de identificação para esses indivíduos, cercados pelos discursos hegemônicos que, de forma geral, não reconhecem a beleza dos corpos que não sejam jovens.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, M. (org.) *A aventura autobiográfica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 201-224.

ALVES, R. A Revelação. In: ALVES, R. *As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer*. Campinas – SP: Papirus, 2001a. p. 17-20.

ALVES, R. Fiquei velho. In: ALVES, R. *As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer*. Campinas – SP: Papirus, 2001b. p. 77-82.

ALVES, R. O crepúsculo. In: ALVES, R. *As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer*. Campinas – SP: Papirus, 2001c. p. 21-34.

ALVES, R. A gente é velho.... In: ALVES, R. *Desfiz 75 anos*. Campinas – SP: Papirus, 2009a. p. 47-50.

ALVES, R. A pior idade. In: ALVES, R. *Desfiz 75 anos*. Campinas – SP: Papirus, 2009b. p. 53-55.

BLESSMANN, E. J. *Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice*. Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento, Porto Alegre, v. 6, p. 21-39, 2004.

BOSI, A. *Narrativa e resistência*. Itinerários, n. 10, p. 11-27, 1996.

CANDIDO, A. O direito à Literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. 6a ed. Rio de Janeiro: Outro sobre Azul, 2017. p. 171-193.

DIJK, T. A. van. Estruturas do discurso e estruturas do poder. In: DIJK, T. A. van., HOF

FNAGEL, J.; FALCONE, K. (org.). *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 38-85.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. 316 p.

FREUD, S. O Mal-estar na Civilização. [Obra originalmente publicada em 1930]. In: FREUD, S. *Os escritos completos*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1976. p. 1-13.

: F 9I 8 žG" À guisa de introdução ao narcisismo. [Obra originalmente publicada em 1914].  
In: FREUD, S. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Obras psicológicas de Sigmund Freud.  
Rio de Janeiro: Imago, 2004. v. 1. p. 95-131.

GLEDSO, J. *Machado de Assis: ficção e História*. 2a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GOLDENBERG, M. *Afinal, o que quer a mulher brasileira?*. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 47-64, 2011.

